

BARRACÃO: estudo do equipamento urbano e hospitalidades na formação socioespacial da Colônia Caxias¹

BARRACÃO: Study of urban equipment and hospitalities in social-spatial formation of Caxias Colony

BARRACÃO: Estudio de equipamiento urbano y hospitalidades en la formación socio-espacial de Colonia Caxias

Pedro de Alcântara Bittencourt César²

CésarMichele Pinheiro Trentin³

Thaise Zattera Marchesini⁴

Resumo: Reconhece o Barracão como meio de hospitalidade e apoio ao imigrante na Serra Gaúcha (RS). Na última estada, antes do estabelecimento nos lotes coloniais, ficaram os imigrantes nos Barracões, antigas hospedarias que os recebiam. Nesta pesquisa exploratória realizou-se levantamento acerca do início da hospitalidade nesta região, com referência a estas edificações, lotadas na antiga colônia Caxias. Sobre elas, pouco se tem de referência bibliográfica. Entretanto, pode ser notada e compreendida sua importância ao perdurar sua nomenclatura em bairros e, mesmo, municípios. Este panorama reforça suas informações recentes, entretanto, carece de dados de seus valores e de sua formação socioespacial e urbano-arquitetônica. Adotou-se como procedimento metodológico, o reconhecimento do local por intermédio de representações espaciais, principalmente localizacionais, encontradas em documentos tais como mapas e utilizando observação por contrastes e confrontos espaciais. Definiu-se sua localização, as lógicas construtivas e outros resquícios arquitetônicos deixados. Distribuídos em pontos estratégicos das colônias, estas hospedagens marcam o início da hospitalidade na Serra Gaúcha. Inicialmente, erguidos como um abrigo provisório, sem intenções estéticas, tampouco cumprindo por completo um programa de necessidades. Entretanto, é possível identificar aspectos de um território de acolhimento com múltiplas identidades e culturas.

Palavras-chave: Meio de hospedagem; Hospitalidade; Barracão; Imigração.

Abstract: Its recognized that Barracão is a means of hospitality and support to immigrants in Serra Gaúcha (RS). In the last stop, prior to the establishment in colonial lots, immigrants stood in Barracão, old inns that received them. In this exploratory research it's realized a survey about the beginning of hospitality in this region, with reference to these buildings, inserted in the former Caxias colony. On them there has been little bibliographical references. However, it can be noted and understood its importance due to continue its nomenclature in neighborhoods and even cities. This outlook reinforces recent information of the same, but lacks data from their values of their social-spatial and urban-architectural formation. It is adopted as a methodological procedure the

¹ Pesquisa desenvolvida com recursos do CNPq

² Arquiteto e Urbanista. Mestre em Turismo e Doutor em Geografia (USP). Prof. Adjunto do Centro de Artes e Arquitetura e do PPGTurH da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: pabcesar@ucs.br

³ Mestranda em Turismo e Hospitalidade e Tecnóloga em Negócios Imobiliário da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: micheleptrentin@yahoo.com.br

⁴ Acadêmica em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul e Bolsista BIC-CNPq. E-mail: thaisefx@hotmail.com

recognition site through spatial representations, mainly locational, found in documents such as maps, as well as using observation by contrasts and spatial confrontation. Defining its location logical construction and other architectural remains left. Distributed at strategic points of the colonies, these accommodations mark the beginning of hospitality in the Serra Gaúcha. Originally built as a temporary shelter without aesthetic intentions or completely fulfilling a program. However it is possible to identify aspects of a welcoming territory with multiple identities and cultures.

Keywords: Means of hosting; Hospitality; Barracão; Immigration.

Resumem: Reconoce Barracão como medio de hospitalidad y apoyo a los inmigrantes en la Serra Gaúcha (RS). La última escala, antes del establecimiento en los lotes coloniales eran inmigrantes en los Barracões, hostales antiguos que los recibían. En esta investigación exploratoria ejecuta-se un levantamiento acerca del comienzo de la hospitalidad en esta región, con referencia a estos edificios, insertados en la antigua colonia Caxias. A cerca de ellos, poco se tiene referencias bibliográficas. Sin embargo, se puede observar y comprender su importancia al perdurar su nomenclatura en los barrios y ciudades. Esta perspectiva refuerza informaciones recientes de las mismas, pero carece de datos de sus valores de su formación socio-espacial y urbano-arquitectónica. Es adoptado como procedimiento metodológico, el reconocimiento del sitio a través de las representaciones espaciales, principalmente de localización encontradas en documentos como mapas, así como el uso de la observación por los contrastes y confrontaciones espaciales. Se define su ubicación, lógicas constructivas y otros restos arquitectónicos dejados. Distribuidos en puntos estratégicos de las colonias, estos alojamientos marcan el comienzo de la hospitalidad en la Serra Gaúcha. Originalmente, construidos como refugios temporales y sin intenciones estéticas, tampoco cumpliendo por completo un programa de necesidades. Sin embargo, es posible identificar los aspectos de un territorio receptivo con múltiples identidades y culturas.

Palabras clave: Medio de alojamiento; Hospitalidad; Barracão; Inmigración.

Introdução

A partir da segunda metade do século XIX, o nordeste do estado do Rio Grande do Sul tem uma ocupação marcada por imigrantes. Estes, principalmente vindos de regiões em muitos aspectos inóspitos, têm sua formação socioeconômica definida por diversos grupos. Na área denominada de Serra Gaúcha, predominaram italianos (GIRON; NASCIMENTO, 2010).

Anteriormente, a região caracterizava-se por suas terras ocupadas por algumas sesmarias dispersas entre grandes vazios desocupados. Esta condição possibilita um projeto do Governo Imperial de assentamento intensivo. Após as marcações planimétricas, são formados e distribuídos os lotes agrários, além de projetados povoamentos e vias estruturais. Resulta neste

processo o deslocamento de dezenas de milhares de novos moradores para esta região de encosta do Estado (NASCIMENTO, 2009).

Esses imigrantes, por longa viagem, saíam do continente europeu até a América do Sul. Nesse percurso “realizavam diversas escalas, sendo que na última, antes do estabelecimento nos lotes coloniais destinados, estabeleciam nos Barracões” (BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 103), denominação das antigas hospedarias que recebiam os acolhiam.

Assim, realizou-se pesquisa reconhecendo estes equipamentos arquitetônicos como objeto de análise. Dele, estabelece a pesquisa, refletindo na condição e formação da hospitalidade. Nota-se que o conceito de hospitalidade se faz por muitas abordagens e por diversas áreas do conhecimento. Ela pode ser apresentada por conceitos gerais, que aproxima desde a Antropologia até a Administração. Entretanto, nesta pesquisa aproximou-se de conceitos do urbanismo, o que desdobra no entendimento por uma hospitalidade urbana (GRINOVER, 2002).

Determinou-se nesta pesquisa, de caráter exploratório, um levantamento acerca dos princípios localizacionais e alguns aspectos quanto a hospitalidade, fundamentalmente hospitalidade urbana, dos barracões lotados na Colônia Caxias (área que desdobra nos municípios gaúchos de Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha e São Marcos). Estas edificações, com importância notada e compreendida, retratam-se como corpo institucional (governamental) e de hospedaria para as colônias agrícolas. Porém, pouco se tem de literatura. Espera-se com as informações levantadas de fontes históricas (primárias e secundárias) e resquícios de suas construções, responderem alguns questionamentos. Pensou-se fundamentalmente: Havia nessas hospedagens alguma lógica de hospitalidade estabelecida? Como foi realizada sua distribuição geográfica quanto ao aspecto regional? Eram construções comerciais ou albergues públicos? Estas e outras indagações surgem ao longo da pesquisa.

Questões de método

No estudo perpassou o barracão como objeto urbano-arquitetônico. Desta maneira, embora a reflexão acerca dele desenvolva no campo da Arquitetura e Urbanismo, envolve o seu entendimento outras áreas do conhecimento, o que resulta na formulação de um corpo conceitual com suas peculiaridades. Sua materialidade espacial estende a relação de entorno e

“evidentemente, no caso do urbanismo, o problema pode tornar-se ainda mais complexo” (SERRA, 2006, p. 27). Nele, uma ação pragmática não se sustenta no seu estudo socioespacial. Afinal, tratando-se de um marco espacial, fundamental no início da formação urbana e reformulação da hospitalidade, também se refere a uma temática muito pouco explorada, apesar do seu contexto histórico.

Justifica-se esta opção ao conceber que se trabalha com “adaptações espaciais e as suas aglomerações” (SERRA, 2006, p. 29). Seu campo “sobrepõem a outras áreas do conhecimento em sua fronteira” (SERRA, 2006, p. 132) nas ciências sociais e, especificamente, as espaciais, o Urbanismo (MUMFORD, 1991) e a Geografia (SANTOS, 1985; 2004) referenciam sua análise na pesquisa. Neste panorama, reforça-se a complexidade da questão Duarte (2002, p. 167) ao afirmar que “tentar encontrar uma coerência técnica [na arquitetura, e sua] interação entre técnica, linguagens, estética e história seria um mascaramento do processo histórico”. Desta maneira, nesta pesquisa exploratória, formulou-se a análise por este princípio, sendo que sua caracterização envolve no seu entendimento as práticas socioespaciais definidas do migrante como ator social.

Contrapõem aos objetivos com a fragilidade de informação acerca do objeto pesquisado. Se, inicialmente, na pesquisa, é realizado um inventário para identificar onde estas edificações se localizam na Colônia Caxias – resumido em quatro locais –, adiante buscou-se maiores informações sobre elas. Esta situação esperada confronta-se com o descuido do tempo que, por diversas razões possíveis, possibilitou as suas demolições. Com exceção de uma delas, a pesquisa resume-se a esparsas fotos e de relatos acerca destas edificações. Situação mais difícil está no reconhecimento das práticas cotidianas neste local, ausente de relatos. Desta maneira, adotou-se como procedimento metodológico, o reconhecimento do local por intermédio de representações espaciais, principalmente localizacionais, encontradas em documentos, tais como mapas. Importante lembrar que esta região foi planejada e suas implantações foram referenciadas por representações cartográficas diversas que foram pesquisadas. Estas foram localizadas nos arquivos locais e por meio de divulgações em material de relatos históricos. Refuta a pesquisa utilizando observação por contrastes e confrontos espaciais.

Assim, na pesquisa, buscou-se, minimamente, sistematizar o conhecimento deste importante marco edificável. Embora restritos por recortes no entendimento deste por suas lógicas urbano-regionais, principalmente ao aspecto localizacional e a análise arquitetural possível para o

reconhecimento da acolhida na migração as novas terras. Sustentou-se a pesquisa nos aspectos da edificação, como proposto por Argan (2006) e Colquhoun (2006) e no território (GREGOTTI, 2005), buscando-se reconhecer e refletir acerca de aspectos da totalidade presente nas suas formações.

Outra questão que se trabalha está no dimensionamento do conceito de urbanidade. A este retrata-se por uma aproximação a de hospitalidade. Assim, prof. Camargo ao elaborar um entendimento de hospitalidade o faz tendo como recorte a dimensão da Dádiva proposta Marcel Mauss (CAMARGO, 2004). Entretanto, pretendeu-se fazer um exercício ontológico ao deslocar da ideia do objeto das relações sociais para compor este artigo por uma relação epistemológica que o facilite o seu entendimento por um contexto de determinado lugar e/ou território.

Neste percurso, pensou-se: É possível aproximar o conceito de hospitalidade ao de urbanidade? Ou mesmo: serão estas uma mesma relação, abordados por campos científicos diferenciados? Inicialmente, para suprir esta indagação irá compreender, por algumas reflexões lefebvrea, a ideia de sociedade urbana. Lefebvre (2001; 2004) reforça em muitos pontos de suas obras que o urbano define a sociedade atual. Tem-se então, um deslocamento de uma relação fundada na dádiva e caracterizada nas relações entre comum, ou seja, comunitário, para outra onde o cidadão estranho é o participante do nosso cotidiano. Na sociedade urbana, são estabelecidos inúmeros códigos que nos permitem circular a pé, de automóvel, nos serviços públicos urbanos coletivos, em aeronave, entre multidões ou para realizar as funções cotidianas que antes eram fundadas no espaço familiar e, hoje, perpassam para os públicos sociais, como as refeições diárias, comumente em restaurantes. Formulam-se códigos de urbanidade com o intuito de oferecer para a sociedade uma maior possibilidade de fluidez, receptividade, valores sociais, etc. Às vezes, estes com uma maior presença do Estado, ora sobre as forças hegemônicas privadas diversas.

Importante reforçar que o conceito de hospitalidade urbana aproxima dos valores apresentados inicialmente por George Simmel e Raymond Ledrut de espaço social. Nele, “sobrepõe o campo das inter-relações sociais, inserindo associações entre o lugar e os ambientes sociais e culturais criados” (KOPS, 2014, p. 54). Nas suas diversas dimensões do espaço, segundo Fernandes (1992), se representa a sociedade. Este diálogo, de entendimento do seu valor, possibilita o reconhecimento de maneiras de acolhimento, ou seja, de uma hospitalidade urbana o que aproxima da urbanidade.

Pensa-se também na relação social que se dissolve e se reestrutura em um novo lugar. Desta maneira, ação de desterritorialização por uma migração se reestrutura em novas reterritorializações, onde “as ideias e os costumes saem de um lugar, mas entram noutro no qual se adaptam e se integram” (OLIVEN, 2006, p. 157).

Está-se em uma lógica dialética. A hospitalidade relacionada a grupos tornam-se valores sociais do local ao global e a sistemas de confronto com o urbano. Determinou-se a urbanidade como uma hospitalidade impessoal que criva de um direito a cidade (LEFEBVRE, 2001). Direção que tomou-se nesta pesquisa, principalmente como síntese presente no momento atual.

Características da formação da Colônia Caxias e limítrofes

Comumente, marcou-se o início do fluxo migratório da Colônia Caxias o ano de 1875. Nesta data, estabeleceu-se como a vinda dos primeiros imigrantes, com a chegada de aproximadamente 3.800 italianos (DARTORA, 2005, p. 54), que iniciam a ocupação das léguas predefinidas pela Comissão de Terras do Governo Imperial. O processo de assentamento tem a administração e gerenciamento com a indicação dos lotes agrários a serem ocupados. Esses os fazem por funcionários do Governo sediados, inicialmente, na 1ª Léngua colonial. Esse local, tornou-se conhecido como Nova Milano (BETTEGA, 2006, p. 21), nome dado em referência a localidade de origem de parte deles (Figura 1). Desta maneira, encontrava-se o primeiro barracão de imigrantes italianos nas proximidades, que abrigava os colonos até a indicação de sua futura propriedade rural.

Entretanto, é possível observar a existência, anteriormente, de um barracão de imigrantes ítalo-germânicos na região sul-sudeste, limítrofe da Colônia Caxias em Nova Palmira (Figura 1). Estabelecido, aproximadamente, no ano de 1859 (BETTEGA, 2006, p. 20), “situa-se às margens do Rio Caí, local com uma paisagem marcante, cercada de morros e com presença de mata ciliar ao longo do rio”, como visto atualmente. Nele, foram acolhidos, inicialmente, imigrantes das regiões da Boemia, Prússia e Áustria.

Existiam algumas características marcantes na distribuição na Serra Gaúcha (de apelo do imigrante italiano) e do restante da Província do Rio Grande (de predominância germânica). Desta maneira, em Nova Palmira, pode-se constatar um tipo de traçado diferenciado do assentamento posterior da região de Caxias. Esta formação urbana linear, justifica-se ao

reproduzir uma situação frequente em certos locais da Alemanha. “É a aldeia-rua, distribuição tradicional”, segundo Weimer (2004, p. 147). Porém, outros fatores, não o legado cultural, contribuíram para essa constituição: as picadas que haviam sido feitas com um traçado linear, no caso de Fundos de Nova Palmira, desenvolvido acompanhando um curso natural, o Rio Caí. Contribuindo para a morfologia do assentamento, além da divisão dos lotes por herança, o desenvolvimento comercial e do fabrico artesanal.

Contudo, enquanto os imigrantes germânicos estabeleciam-se nos vales, uma grande concentração de imigrantes italianos direciona ao local conhecido como Campo dos Bugres – Caxias (Figura 1), nos arredores da sesmária de Feijó Júnior, que recebeu definitivamente a sede administrativa da Colônia Caxias. Tal núcleo, denominada de Sede Dante, satisfaz à área central da cidade do futuro município de Caxias do Sul. Sob o aspecto morfológico, a gleba colonial apresenta uma topografia irregular, composta por vales e morros, com vegetação densa e organização social vinculada às atividades religiosas, normalmente centralizadas em capelas ou capitéis (pequenos oratórios de uso público). O desenvolvimento econômico se destacou expressivamente, fazendo com que em pouco mais de 50 anos, a região caracterizou-se por uma “condição financeira privilegiada devido ao cultivo agrícola, ganhando o apelido de ‘Pérola das Colônias’, dado por Júlio de Castilhos” (GARDELIN; COSTA, 1993, p. 102).

Na formação da Sede Dantes, o barracão desloca-se para área mais próxima deste. Assim, pode ser observar edificações de dois barracões em períodos distintos. Sempre nos arredores da área citadina, atendendo as demandas de toda a Colônia Caxias (Figura 1).

No processo do assentamento ocorreram diversas transformações territoriais. Da definição da Colônia Caxias, destacaram-se dentre elas:

[...] o acréscimo do núcleo colonial de São Marcos, que pertencia a São Francisco de Paula, em 1921; a perda dos distritos de Nova Trento, Nova Pádua e Marcolino Moura, que passam a constituir o município de Flores da Cunha, em 1924. Posteriormente, desmembram-se os distritos de Nova Vicenza e Nova Milano, para participar da formação do Município de Farroupilha, em 1934. No ano de 1963 o distrito de São Marcos torna-se município. Além dos distritos anexados a partir de 1939, ainda pertencem ao município os distritos de Galópolis (4ª Léguas), constituído em 1925; Ana Rech (13ª e parte da 8ª Léguas), em 1927; e, Forqueta (2ª e parte da 17ª Léguas), em 1952 (GIRON, 1977, p. 71).

Esses apresentam características socioculturais com certas diferenças da sede municipal.

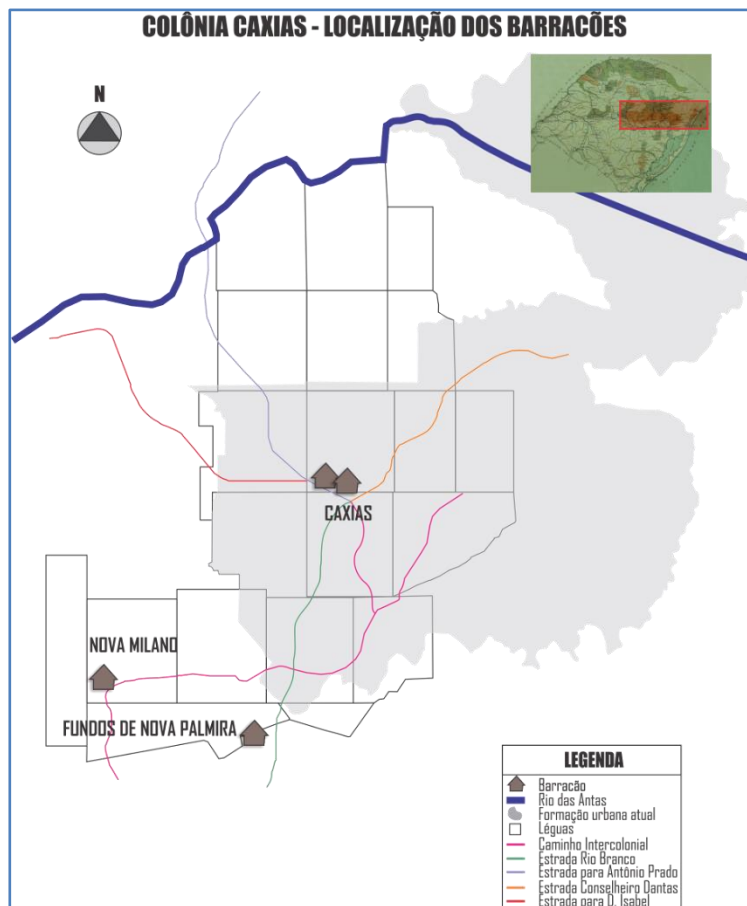


Figura 1 - Representação da Colônia Caxias com destaque na 1ª Léngua. Fonte: Adaptado de Antunes (1950), Bettega (2006), Bertaso e Lima (1950) e Nascimento (2009).

O ator social para uma abordagem socioespacial das formas urbano-arquitetônicas

O grupo que se deslocou para o sul do Brasil era essencialmente agrário (rural). Como pode ser tirada esta conclusão sem a presença no momento da vinda, diante de conceitos tão definidos entre o rural e o urbano, o agrário e o industrial? Alguns autores inclusive enaltecem valores industriais inerentes aos ofícios desses imigrantes. Aqui, nesta abordagem apresentada, ao mesmo tempo que foi feito um estudo com contrastes entre grupos de uma mesma natureza (originários da península itálica), fez-se exercícios de retrocessos genéticos nas formas urbanoarquitetônicas ao fundar em uma história urbana.

Salmoni e Debenedetti (1991) ao apresentar uma arquitetura da imigração italiana paulista (ou paulistana) destacou valores marcantes do imaginário e que são reproduzidos.

Mesmo exercício fez Posenato (1983) ao retratar a arquitetura da migração italiana no sul do Brasil (Serra Gaúcha). Entretanto, vê-se nelas dois processos totalmente diferentes. Encontrou-se facilmente no processo de implantação em solo brasileiro: capitéis, arcos bipartidos, colunatas, *loggias*. Em outra matriz construtiva: edificações de pedras rústicas, lambrequim e deslocamento da cozinha do corpo central da edificação. Notou-se que entre outras características têm-se fortemente marcado em seu caráter um modelo citadino, no outro, o rústico campestre.

A princípio pode-se relatar acerca do ponto de observação que tem por origem: formação de uma cidade em contraste com uma zona agrícola. Nesta condição, a observação da época de ocupação, o processo de assentamento sem uma relação com o externo, que possibilitaria a aquisição de novos valores e, principalmente, imaginários de outras zonas podem reforçar ou desqualificar esta observação. Assim, por fotos antigas e por construções remanescentes desses períodos reforça-se a hipótese apresentada, ao observar as áreas centrais de Caxias do Sul (RS) e de Antonio Prado (RS), ou seja, na Serra Gaúcha, em Quiririm (SP) e em Amparo (SP). Todas em núcleos migratórios italianos. Nelas, notou-se os modelos de reproduções urbanoarquitetônicos, principalmente os aspectos edificados. O imigrante reproduz no centro das cidades estudadas da Serra Gaúcha, no final do século XIX e início do século XX, muitas vezes modelos construtivos com valores similares das reproduzidas nas áreas agrícolas, com alterações as possibilidades do lote. Por sua vez, nos exemplares do sudeste brasileiro, a imigração italiana está associada a troca dos modelos construtivos da taipa de pilão (pau a pique), pelo uso da alvenaria (LEMOS, 1988), além de reproduções do ecletismo que estende muitas vezes para as áreas rurais.

Mas afinal, quem era este imigrante? Como pode-se pensar nessas levadas de pessoas que se deslocam de um país distante e que em um curto espaço de tempo realizaram mudanças profundas em uma nação, mesmo não estando diretamente ligado as forças hegemônicas que definiram sua formação, como os lusitanos? Para reforçar, espera-se apresentar algumas ideias gerais acerca deste que retrata e ajuda a refletir o momento no velho continente e na península itálica. Principalmente que os envolvem diretamente.

Desta maneira pensa-se: “Mas afinal, o que era essa Europa onde camponeses de vários países, que pouco conheciam além dos limites de suas aldeias, cantavam e declamavam poesias em que o Brasil era retratado como o paraíso terrestre?” (ALVIM, 1999, p. 219). Saíam de uma região que se estava tendo uma passagem, muitas vezes, de uma maneira bruta, do sistema feudal

para a produção capitalista e, por consequência, privilegiando a concentração de terra na mão de poucos. Na implantação deste sistema econômico se esmagava a produção do pequeno agricultor e altos impostos impossibilitavam financiamentos do pequeno proprietário. Assim, o italiano, inicialmente era, direta ou indiretamente, expulso de suas terras. Formava-se um processo de industrialização com parte desta mão de obra desempregada e socialmente desamparada.

Mas quando o número de desempregados, impossível de ser absorvido no novo sistema, começou a constituir ameaça, foi preciso tomar providências imediatas. A fome, associada à miséria e ao desespero, poderia com certeza desencadear revoltas populares em escalas incontroláveis, o que os donos de indústrias queriam evitar a qualquer custo (ALVIM, 1999, p. 220).

Retrata o historiador Emilio Franzini que, na Itália, especificamente se referindo ao Vêneto, esses poderiam morrer de inalação e a única alimentação resumia quase sempre a polenta. “A carne de vaca era um mito e o pão de farinha de trigo inacessível pelo seu alto preço” (ALVIM, 1999, p. 222).

Reforça a esta situação que:

Para alguns países impulsores, como a Itália e Espanha, por exemplo, as descrições dos locais onde os imigrantes moravam e da promiscuidade em que eram obrigados a viver em razão da miséria são bons exemplos da repercussão da crise econômica na bucólica paisagem do campo. Mais ainda, demonstravam como conceitos que pautaram as análises da vida privada apoiados nas cidades, voltados para uma burguesia nascente, nada têm a ver com as condições em que viviam os pobres do campo. Não existiam cômodos separados para pais e filho, e se estava longe do que Norberto Elias chamou de ‘refinamento das sensibilidade’, por meio do qual se sofisticaram as maneiras de comer, de se lavar, de amar e portanto de morar, sobretudo a partir do século XVIII (ALVIM, 1999, p. 227).

Embora, muitas vezes, o Estado e a Igreja tentavam ter alguma gerência para evitar ações que fugiam das lógicas biológicas e dos padrões socialmente estabelecidos e aceitos, prática não incomum, que eram tratadas pelos grupos como adversas a ação de qualquer outro agente na intimidade familiar (ALVIM, 1999). Estes grupos não aceitavam a gerência de órgãos reguladores como da Igreja, mesmo com toda devoção espiritual (ALENCASTRO; RENAUX, 1997).

Tem-se aqui uma condição hipotética. Se a maneira de habitat na terra natal era formada por um conflito e uma condição de vida deplorável, o Barracão serve para estas famílias, com uma certa dignidade social, reforçar e construir seus futuros valores que irão seguir por gerações.

Nota-se inclusive, uma ausência de relato da condição que historiadores observavam no continente europeu e, mesmo, nesse equipamento. Entretanto, nele se estabelece a forma de sociabilidade, de vida comunitária e reforça aspectos religiosos, espirituais e morais diversos. Hoje, o descendente do imigrante italiano tem muitos hábitos próprios definindo um modo cultural singular, específico no qual ele retrata, adquirido por sua linhagem étnica. Sabe-se que inúmeros pesquisadores “mostram que o uso de modos, muitas vezes se fazem por uma idealização a uma condição futura, embora não concreta, como por exemplo, no uso de cavalos que no velho continente era uma prática da aristocracia” (ALENCASTRO; RENAUX, 1997, p. 325) e que se reproduz como se fosse antigo hábito. Além de objeto de conquista social do início da migração.

Importante ainda pensar que a relação de hospitalidade é imersa a uma relação dual entre alguns aspectos socioespaciais. Estes podem ser retratados como um reconhecimento da relação de território e lugar. A estes associam a ideia do ceder, da concessão deste ao ‘forasteiro’, ao visitante.

Aspectos sociais do assentamento e sua relação com o barracão

Como pontuado anteriormente, a imigração na Serra Gaúcha faz parte de um plano geopolítico do Governo Imperial. Soma-se a este, que o Rio Grande do Sul se encontrava com uma produção agrícola escassa, afetada pela Guerra dos Farrapos ocorrida em meados de 1845 e com a maior parte das terras desabitadas (ZARDO, 1995, p.9). Define-se como necessária a produção de alimentos para a distribuição para outras áreas do mercado interno e, além disso, o estabelecimento da imigração como forma de criar alternativa produtiva para desmotivar a escravização. Assim, o governo reconhece o europeu como um elemento apto nas atividades agrícolas e a colonização poderia garantir a ocupação das fronteiras do país. A preferência inicialmente por povos germânicos e, posteriormente, por italianos, “justifica-se pelo agravamento dos problemas sociais que ocorriam em tais países, como também pela capacidade que se julgava possuírem para trabalhos agrícolas” (LANDO; DACANAL; GONZAGA, 1980, p. 26).

Em decorrência disso, como antecessores, vieram os povos germânicos na primeira metade do século XIX. Entretanto, ao atingir o desenvolvimento industrial, o governo da Alemanha exigiu a retenção de sua mão de obra, cessando esta emigração. O povo italiano

tornou-se a nova referência atrativa ao processo imigratório. Quando a Itália conseguiu em 1970 sua unificação, por consequência, fortaleceu os processos de especulação e acumulação capitalista. No norte deste país, a sua inclusão industrial capitalista fortaleceu a formação de uma orla de pessoas miseráveis que não condiziam com o país que se fundava. Somando-se a esta condição, a região sul pobre e agrícola. “Este aspecto justifica a vinda destes diversos grupos” (BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 14), sendo que “na Serra Gaúcha predomina a vinda daqueles do norte da península itálica (NASCIMENTO, 2009, p. 43).

Desta maneira, sem expectativas em sua terra natal, muitas famílias decidiram buscar novas perspectivas econômicas e sociais. Entre estes, dezenas de milhares de imigrantes destinaram-se a província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Estes se deparam com duas acolhidas diferentes, vistas do ponto de análise hospitaleiro: “a acolhida dos imigrantes pelas autoridades brasileiras durante a chegada ao novo país e o papel de anfitriões das próximas famílias que estavam por chegar” (BATTISTEL; COSTA, 1982, p.61).

Este longo percurso que separava os dois continentes era realizado normalmente em 35 dias de viagem. Os navios responsáveis pelo transporte dos imigrantes para o Brasil exerceram um papel de inospitalidade. Os indivíduos embarcavam em navios à vapor que estavam em péssimo estado higiênico. Muitas mortes ocorreram e tornavam insuportável e desumano o desconforto proporcionado pelo espaço de acolhida coletiva dos imigrantes (TRENTO, 1989). Aqueles com destino ao sul do Brasil, chegavam normalmente ao primeiro porto no país, especificamente na cidade do Rio de Janeiro. Seguidamente, aportavam na cidade de Rio Grande e seguiam viagem para Porto Alegre, onde ficavam hospedados na Praça da Harmonia. Deste ponto dirigiam por meio fluvial até as localidades de Montenegro ou São Sebastião do Caí, onde outras hospedarias de imigrantes os aguardavam. Finalmente, prosseguiam por terra até as regiões dos assentamentos coloniais. “O destino final da viagem eram os barracões que os abrigavam temporariamente até receberem seus lotes”. (ZARDO, 1995, p.15)

Os barracões eram hospedagens simples, construídas pelos funcionários das províncias, e feitas com materiais existentes em seu local de assentamento. Seu intuito era receber os imigrantes recém-chegados de viagem e servir de abrigo para os agentes da Comissão de Terras da Colônia, engenheiros e agrimensores. Era, normalmente, cedido um barracão principal para cada núcleo colonial. Seu local era determinado pelo governo, em terras devolutas e os imigrantes não pagavam despesas com a viagem até o núcleo colonial e a hospedagem, incluindo a

alimentação e suprimentos de necessidade básica. “Além disso, o governo proporcionava a cada família que ganhava um lote um facão, um machadinho, um machado, um serrote, enxadas e foices” (BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 104). Entretanto, a vida era caracterizada por algumas restrições. Havia muitas pessoas para dividir mesmo local, o que se fazia de forma precária e, muitas vezes, dormindo todas juntas e amontoadas. Com a ausência quase total de infraestrutura, o ambiente era marcado frequentemente por miséria, doenças e mortes. No barracão do Campo dos Bugres, por exemplo, nem sempre havia espaço suficiente para acomodar todos os imigrantes que lá chegavam, por estar sempre lotado e com as piores condições de higiene e, portanto, a moléstia do tifo fazia novas vítimas diariamente. A epidemia era quase impossível de ser controlada, visto a falta de atendimento médico e poucos recursos na colônia.

Entre os mais conhecidos provérbios que permaneceram na cultura da imigração, *La paura de morire è peggio della morte* (“o medo de morrer é pior do que a morte”), provavelmente representa tempos passados como este no barracão.

Conforme Brambatti (2013), os lugares onde havia barracões de imigrantes nas proximidades eram no passo da Boa Esperança, na Picada Feliz, em Nova Milano, Nova Palmira, em São Luiz da Terceira Léguas e no Campo dos Bugres. Os imigrantes deixavam as famílias em algum destes barracões onde havia lugar e seguiam para o seu lote de terras, normalmente de 24ha, que correspondia a uma colônia ou, de 12ha, correspondente a meia colônia. Lá deveria receber da diretoria da colônia uma casa de madeira provisória. Estando pronta a casa, voltavam para buscar a família no barracão. Outros imigrantes, quando não encontravam hospedagem nos barracões lotados, muitas vezes eram acolhidos em casas de outros imigrantes já estabelecidos, numa espécie de hospitalidade gratuita. É importante destacar que, mesmo com a adversidade e a miséria influenciando os modos e costumes das famílias italianas, estas, assim como as famílias germânicas, não recebiam interferências externas em seus hábitos cotidianos (ALENCASTRO; RENAUX, 1997). Na hospedagem, na oração, a cultura familiar tinha (e isso persiste atualmente) um intrincado ritual de união e fortalecimento de vínculos, aspecto hospitaleiro que garantiu o respeito às tradições que ali idealizaram e perpetuam diversidades culturais que temos hoje na Serra Gaúcha.

Caracterização dos barracões

Em 1859, com a chegada dos imigrantes germânicos e austríacos, iniciou-se a colonização de Nova Palmira. Desta maneira, uma primeira edificação de uso institucional, acolheu os europeus recém-chegados. Sabe-se que essa edificação, em estilo com a técnica construtiva enxaimel – que remete a um românico popular europeu, serviu de barracão para estes imigrantes e, posteriormente, para os próprios imigrantes italianos (Figura 2).

É na comunidade de Nova Palmira, área entre o Rio Caí e a atual rodovia estadual (RS 452), que se encontra o maior número de exemplares da arquitetura do processo colonial de imigração germânica de Caxias do Sul, datadas do século XIX, entre os anos de 1850 e 1940. O valor inestimável deste patrimônio deve-se não só pela sua idade, mas por apresentar um sistema construtivo singular, aquelas utilizadas pelos ítalo-brasileiros. Ao caracteriza-lo na arquitetura do barracão, reforça no papel cultural do germânico impondo suas técnicas desde as primeiras edificações (Figura 2).



Figura 2 - Detalhes do Barracão de Nova Palmira
Fonte: Fotografia elaborada pelos autores, 2016.

Esse era o tipo de edificação que os primeiros colonizadores germânicos construíam, ainda na primeira metade do século XIX. Provavelmente, o madeiramento utilizado na estrutura do barracão foi retirado do local e aproveitado na construção. A madeira era centenária e de alta qualidade estrutural, visto que os lotes eram cobertos de mata nativa. O preenchimento da estrutura foi feito com alvenaria de tijolo ou adobe e a base da edificação inteiramente de tijolos. A cobertura, provavelmente, era de madeira, conhecida popularmente pelos germânicos como *Schindeln* e pelos italianos como *Scandole*. Com o passar do tempo foi substituída por telha metálica devido a facilidade da manutenção, do não apodrecimento da madeira e um menor risco de incêndios.

Esse barracão seria representado na designação de Emílio Willems (1946, p. 233) como “da terceira fase do início da arquitetura rural teuto-gaúcha”. O autor comenta que esse tipo de arquitetura primitiva teuto-brasileira estaria muito longe de representar a “suposta casa alemã” (WILLEMS, 1946, p. 234), por trazer elementos que diferem da cultura tradicional, como a cozinha separada e as janelas sem vidros. Entretanto, segundo Weimer (1983, p. 74), a técnica do enxaimel foi introduzida pelo imigrante por seu legado cultural e, assim, ela é essencialmente germânica, mas, por contingências ambientais e existenciais, esta técnica teve que ser recriada, tornando-a em sua expressão “abrasileirada”.

Dos anos 1875 até 1878, esse barracão em Nova Palmira também foi abrigo para os imigrantes italianos que “rumavam de São Sebastião do Caí (RS) em direção a Colônia Conde D’Eu e Santa Tereza” (BETTEGA, 2006, p. 21). Hoje, essa edificação serve como galpão e depósito para o seu proprietário atual, Antonio Jacoby, descendente de uma das primeiras famílias italianas que se estabeleceu em Nova Palmira, aproximadamente em 1890. A edificação também serviu como escola e armazém.

Em Nova Milano, parte superior do também chamado Fundos de Nova Palmira, sabe-se que o primeiro grupo de imigrantes chegou em 20 de maio de 1875. Nesta colônia inicial de Caxias construiu-se um barracão para dar abrigo aos italianos. Não há certeza do sítio exato da edificação desse barracão, provavelmente, por se tratar de um abrigo provisório. O barracão da localidade seguia o padrão das construções primitivas de assentamentos coloniais da época: “copa de árvores para estrutura, galhos e ramos entrelaçados, barro, e cobertura de palhas, ramagens, samambaias” (POSENATO, 1983, p. 5). Porém, mesmo com uma ampla pesquisa em museus locais e acervos pessoais e religiosos, não foram encontrados qualquer representação gráfica dele.

Próximo desta localidade, outros imigrantes fixaram-se em Nova Vicenza – hoje sede do município de Farroupilha (como Nova Milano) – na conjunção da estrada Júlio de Castilho que ligava a Colônia Caxias, Conde d’Eu e Dona Isabel (BERTASO; LIMA, 1950, p. 279)

Com relação ao contexto de localidade das futuras formações urbanas, nota-se que o traçado de cada Núcleo Colonial previa o local para implantação de suas vilas, muitas vezes chamadas de Sede. No caso de Nova Milano, inicialmente considerada o local da sede administrativa da Colônia Caxias, as ruas eram demarcadas com larguras significativamente amplas e as quadras divididas em lotes urbanos sendo destinados para pessoas que não desejavam

exercer atividade agrícola. Com a mudança da sede para o Campo dos Bugres, ou seja, Sede Dante, o local perdeu a movimentação que uma vez era constante. Hoje as ruas largas causam contraste em relação à quantidade de pessoas que a utilizam.

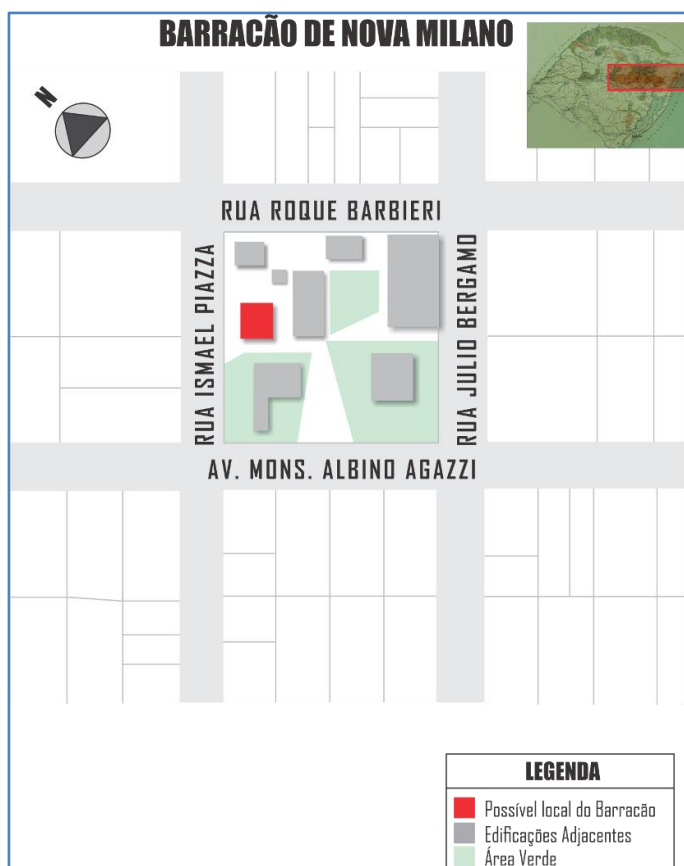


Figura 3 - Arruamento primitivo de Nova Milano e possível local do Barracão. Fonte: Adaptado de Farroupilha (2008)

Nesse processo de mudança de Sede destacam-se outros interesses fundiários. Dessa maneira, Feijó Júnior, proprietário de uma sesmaria ao norte das 1ª e 2ª léguas, sugeriu ao governo a transferência da sede Nova Milano para o local então conhecido como Campo dos Bugres. Também nela pôde dar conta da ocupação das demais 11 léguas que ainda estavam por receber colonos. Assim, justifica-se um novo barracão. Este primeiro do Campo dos Bugres estava na borda da planta primitiva desta sede urbana, ou seja, localizava-se na quadra 115, na rua Ernesto Alves (Figura 4).

Novas demandas de imigrantes estabeleceram a edificação de um prédio com mais aposentos, seguindo o princípio de localização próximo a área definida como de povoamento

citadino, surgindo um novo barracão. Este estava situado na rua Cel. Flores, esquina com a rua Os Dezoito do Forte, na quadra F (Figura 4).

Em todo processo de ocupação colonial duas questões são marcantes para a hospitalidade urbana: as construções não seguem um padrão urbanoarquitetônico que se identificam com a cultura italiana, como o barracão na área de influência de migração germânica. Entretanto, mantiveram um bom diálogo de legibilidade urbana com a formação do núcleo da cidade que se estabelecia.

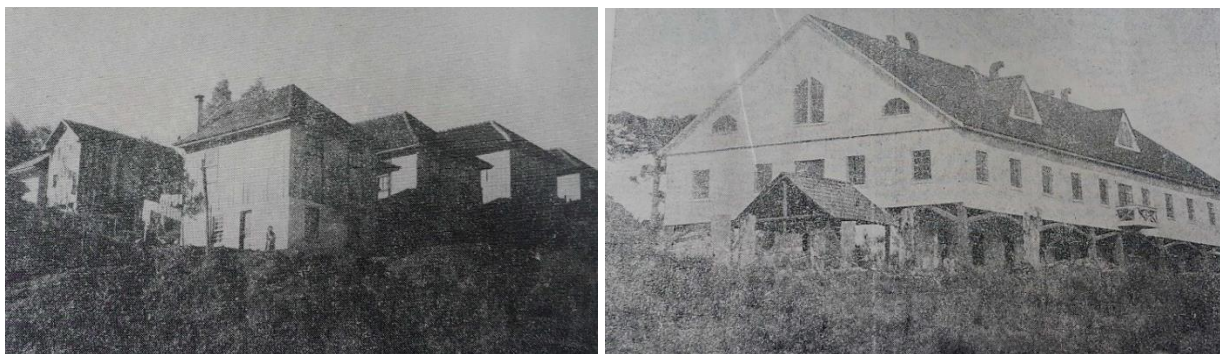


Figura 4 - Fotos do primeiro e segundo barracão de Campos dos Bugres
Fonte: Antunes (1950)

Considerações Finais

Ao observar a relação localizacional, algumas questões são reforçadas. Sua implantação não se estabelece ou mantém como núcleo primitivo formador urbano, sendo um local para as aclimações e observações das condições fisiológicas, culturais e sociais dos indivíduos. Provavelmente, a presença em Nova Milano em uma praça, tem como especificidade uma temporalidade definida. Entretanto, nele se reforça centralidades urbanas, estabelecidas ao seu redor. Ou seja, a cidade tinha os barracões como edifícios marginais da construção cidadina. Situação que qualifica a sua utilidade de entrada, de acolhimento e de hospitalidade.

Novas pesquisas tornam-se necessárias para outros entendimentos. Provavelmente, a existência de outras maneiras de hospedagens de imigrantes no sul/sudeste do Brasil poderia lucidar respostas que nesta pesquisa não foram aprofundadas. Afinal, embora com formas urbanas distintas, essas mantêm, por questões ideológicas e conceitos políticos territoriais, os mesmos princípios. Notou-se que os barracões eram albergues públicos, com múltiplas atividades entre as administrativas e outras de referências socioculturais.

Mais de 140 anos transcorreram desde o início de ocupação da região por imigrantes italianos. Muitos processos socioeconômicos e culturais ocorreram, e isto, reflete na arquitetura e habitação das construções, como os barracões. Distribuídos em pontos estratégicos das picadas, nas sedes administrativas das colônias, estas hospedagens marcaram o fim da trajetória de uma longa viagem e o início de uma maneira de hospitalidade na Serra Gaúcha. Inicialmente, todos foram erguidos como abrigo provisório, com poucas preocupações estéticas e funcionais e, tampouco, cumprindo por completo programas de necessidade. Entretanto, foi possível identificar aspectos de um território de acolhida com múltiplas identidades e culturas, contrariando o senso comum de que há um grupo hegemônico e homogêneo.

A historiografia tem retirado o papel dos barracões. Centro de triagem, de aclimatação, de reformulações de valores, de referência institucional, local onde os destinos iniciavam profundamente suas modificações ao confirmar os lotes que seriam destinados, sua importância não passa na literatura de mero dado contraditório, quando se cita.

Nos barracões, encontrou-se uma hospitalidade urbana que o relaciona a ideia de lugar de acolhimento. São locais de urbanidade, onde se vive e se atende às necessidades elementares de alojamento, alimentação e calor humano. Assim, se “falar de hospitalidade significa levar em conta as implicações da dupla relação humana com o lugar e com o outro” (GRINOVER, 2013, p. 17), que também pode estar associada à ideia de inclusão, de conquista de cidadania e de vida em sociedade. Nestes locais, o imigrante deixava esta condição e iniciava o seu processo de cidadão brasileiro. Tornava em seu estatuto “ser portador de direitos e obrigações, sendo que a ideia de cidadania era uma identidade compartilhada, como eram compartilhados os territórios, os abrigos, a alimentação, o afeto, na ideia de hospitalidade” (GRINOVER, 2013, p. 20).

A hospitalidade urbana, ao aproximar dos valores da urbanidade, determinam os gestos de acolhimento e cortesia que transpõem os edifícios, os logradouros públicos, a cidade e sua relação com as materialidades elaboradas e as imaterialidades do convívio social. Assim, as estadas nesses locais são reforçadas como espaço de negação. Nega-se a condição de italiano, mesmo que nele o indivíduo se produza socialmente, muitas vezes, com mesmas limitações, mas também, se nega, ou adia sonhos e esperanças diversas de seu futuro americano, em suas novas terras. Se a propriedade, sua síntese das suas expectativas no novo continente, desde que o capitalismo os expulsaram de sua terra natal, o barracão nega o seu papel de propriedade, mesmo que provisoriamente. Nele, antítese do processo de assentamento, tem valores superestruturais

marcantes, tornando-se o ponto de seus olhares para o Estado nacional brasileiro. Mas também é sua referência de acolhimento, do estabelecimento da sua nova condição de cidadão e proprietário.

Quiçá pela curta existência dos barracões, o material existente é escasso, tornando-se necessário a elaboração de novas pesquisas para obter um entendimento mais complexo desse meio de hospitalidade primitiva. Fica sempre uma grande interrogação referente ao motivo da literatura e historiografia pouco referenciá-lo, mesmo existindo amplo acervo da vinda destes imigrantes. Porém, espera-se ter esclarecido alguns pontos, principalmente, quanto ao seu papel no contexto urbano e, assim, lançar desafios para novas abordagens.

Referências

ALENCASTRO, L. F.; RENAUX, M. L. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: ALENCASTRO, L. F. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Cia das Letras, 1997. V. 2, p.215-288.

ALVIM, Z. Imigrante: a vida privada dos pobres no campo. In: SEVCENKO, N. **História da vida privada no Brasil**. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Cia das Letras, 1999. V. 3, p.215-288.

ANTUNES, D. P. **Documentário histórico do município de Caxias do Sul: 1875-1950** (ilustrado). comemorativo do 75º aniversário da colonização. São Leopoldo: Artegráfica Comércio e Indústria, 1950.

ARGAN, G. C. Sobre a tipologia em arquitetura. In: NESBITT, K. (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1005**. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 267-272.

BATTISTEL, A. I.; COSTA, R. F. **Assim vivem os italianos**. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1982.

BERTASO, H. A.; LIMA, M. A. Álbum comemorativo do 75 aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul. **Revista do Globo**, Porto Alegre, 1950.

BETTEGA, M. L. **História de nova palmira: tempo, memórias e registros**. Caxias do Sul: São Miguel, 2006.

BRAMBATTI, L. E. **A estrada Rio Branco e a emancipação da Colônia Caxias: a estrada Rio Branco I. As estradas coloniais**. 2013. Disponível em: <<http://estradariobrancohistoria.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

CAMARGO, L. O. L. **Hospitalidade**. São Paulo. Aleph, 2004. Coleção ABC da hospitalidade.

COLQUHOUN, A. Tipologia e metodologia de projeto. In: NESBITT, K. (Org.). **Uma nova agenda para a Arquitetura**: antologia teórica 1965-1005. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 273-283.

DARTORA, J. S. **Turismo e seus discursos**: percepção e atribuição na cidade de Caxias do Sul/RS. 2005. Dissertação (Mestrado em Turismo) - PPGTur/UCS, Caxias do Sul, RS, 2005.

DUARTE, F. **Crise das matrizes espaciais**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FARROUPILHA. **Plano diretor de desenvolvimento urbano e ambiental do município de Farroupilha**: Mapa 8 – Área Urbana de Nova Milano. Farroupilha: Prefeitura de Farroupilha, 2008.

FERNANDES, A. T. Espaço social e sua representação. In: COLÓQUIO IBERICO DE GEOGRAFIA, 6., Porto, 1992. **Anais...** Porto: Universidade do Porto. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10216/20450>>. Acesso em: 20 set. 2016.

GARDELIN, M.; COSTA, R. F. **Colônia Caxias**: origens. Caxias do Sul: EST, 1993.

GIRON, L. S. **Caxias do Sul**: evolução histórica. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1977.

GIRON, L. S.; NASCIMENTO, R. R. F. (orgs.). **Caxias centenária**. Caxias do Sul: EdUCS, 2010.

GREGOTTI, V. Território e arquitetura. In: NESBITT, K. (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica 1965-1005. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 371-376.

GRINOVER, L. Hospitalidade, qualidade de vida, cidadania, urbanidade: novas e velhas categorias para a compreensão da hospitalidade urbana. **Revista Iberoamericana de Turismo**. Penedo, v. 3, n. 1, p.16-24, 2013.

GRINOVER, L. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: DIAS, C. M. M. **Hospitalidade**: reflexões e perspectivas. Barueri: Manole, 2002.

KOPS, D. **Hospitalidade**: saberes e fazeres culturais em diferentes espaços sociais. Caxias do Sul: EdUCS, 2014.

LANDO, A. M.; DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. **RS**: imigração & colonização. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001

LEFEBVRE, H. **A Revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

LEMOS, C. A. C. **Alvenaria burguesa**: breve história da arquitetura residencial de tijolo em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café. 2.ed. rev. ampl. São Paulo: Nobel, 1988.

MUMFORD, L. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NASCIMENTO, R. R. F. **A formação urbana de Caxias do Sul**. Caxias do Sul: EdUCS, 2009.

OLIVEN, R. G. Território, fronteira e identidades. In. SCHÜLER, F.; BARCELOS, M. (ORGS.). **Fronteiras: arte e pensamento na época do multiculturalismo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

POSENATO, J. **Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

SALMONI, A.; DEBENEDETTI, E. **Arquitetura italiana em São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SERRA, G. G. **Pesquisa em arquitetura e urbanismo**. São Paulo: Mandarim e Edusp, 2006.

TRENTO, A. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989.

WEIMER, G. **Origem e evolução das cidades rio-grandenses**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2004.

WEIMER, G. **Arquitetura da imigração alemã**: um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro-europeia ao meio rural do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 1983.

WILLEMS, E. **A aculturação dos alemães no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1946.

ZARDO, M. F. D. S. **Barracão**: um pedaço esquecido da história. Caxias do Sul: EDUCS, 1995.

Artigo recebido em: 25/05/2016

Avaliado em: 09/09/2016

Aceito em: 13/06/2017